

Editorial

As Universidades, devido à relação de forças entre as demandas globais, especificidades de formação para o mundo do trabalho, necessidade para o desenvolvimento de ciência e tecnologia, as influências econômicas, culturais, educacionais e sócio-espaciais; e, pressionadas pelos discursos e exigências da internacionalização do capital, buscam, hoje, desenfreadamente, relações com outras IES em nível regional, nacional e, ostensivamente, em nível internacional.

Nesse contexto, as discussões sobre os processos de internacionalização são preponderantes. Mas o que esse termo nos revela? Inter, em latim, significa “entre” e “relação” (relatus) - termos que sugerem a possibilidade de uma inter-relação recíproca entre dois ou mais países, entendida como relação bilateral ou multilateral, com situações, necessidades e interesses correspondentes, ou seja, uma ponte internacional entre duas ou mais nações.

Para Morosini (2006, p. 108), “A internacionalização é marca das relações entre as universidades. Por sua natureza de produtora de conhecimento, a universidade sempre teve como norma a internacionalização da função pesquisa, apoiada na autonomia do pesquisador”, a qual foi estabelecida desde a Constituição Federal de 1988. Logo, esta discussão não é recente, como nos fazem parecer as exigências das áreas da CAPES; e sempre esteve relacionada à trocas de experiências entre pesquisadores de diferentes países, abarcando reflexões epistêmicas, projetos de pesquisa, planos de ação, publicações, políticas científicas e tecnológicas, mobilidade discente e docente nos níveis de graduação e pós-graduação.

Neste sentido, Marrara (2007, p. 247) argumenta que existem diferenças entre “‘tornar-se internacional’, ou ‘internacionalizar-se’ (...), sendo um de natureza predominantemente institucional e outra, de natureza principalmente acadêmica”. O autor enfatiza que a linha institucional tem como objetivo atrair alunos e pesquisadores em eventos de grande porte internacional, grande número de publicações e visa a internacionalização como marketing e promoção da IES, buscando novos consumidores para seus serviços em nível global.

No que se refere ao internacionalizar-se, Marrara (2007, p. 248) nos diz que remete a,

(...) formação de docentes, pesquisadores e discentes. Sob esse enfoque, predominantemente acadêmico, ela permitiria a realização de experiências complementares ao processo educacional no âmbito da graduação e da Pós-graduação. (Com) intuito de contribuir com o desenvolvimento da Educação e da Ciência, através da colaboração e da troca de experiências, (...) capacidade de colaborar para o desenvolvimento científico.

Tal perspectiva, certamente, gera qualidade e impacto, nas demandas regionais e nacionais, através das pesquisas desenvolvidas entre os países envolvidos.

Dessa forma, evidenciamos, aqui, o sentido de internacionalização, em especial para as Universidades “principiantes” na busca de entendimentos e de parceiros potenciais – países - à formação acadêmica de seus pesquisadores. Cientes sobre este potencial de reciprocidade entre Universidades, à transformação da vida dos estudantes; ampliação epistêmica para o desenvolvimento da ciência e tecnologia através do intercâmbio e da mobilidade de conhecimentos entre pesquisadores; e ao desenvolvimento das capacidades sociais,

estratégicas, políticas, tecnológicas, culturais e educacionais a partir da troca de experiências e de expertises entre países.

No entanto, esse cenário não se concretiza de forma democrática em todo território brasileiro. As Universidades, mais carentes de internacionalização, não por acaso, localizadas em regiões “invisíveis” às instâncias superiores, demandam relações inter/entre países para ampliar seus quadros de pesquisadores, suas produções e publicações, e o desenvolvimento de projetos e tecnologias que incidam e impactem nestas regiões.

Urgente se faz a geração de tecnologias em parceria entre pesquisadores, as quais sejam potências a atender questões emergenciais dessas regiões, sendo que inúmeras tecnologias desenvolvidas em outros países podem auxiliar na superação dos nossos problemas regionais, tais como a seca; uso dos solos; produção de alimentos; técnicas de agrossistemas, incremento nos produtos artesanais; tecnologias de mobilidade para atendimento a saúde da população sem acesso a estes serviços; estratégias de valorização para pequenas empresas; laboratórios à comunidade para orientação na criação de bovinos, ovinos e outros animais; centros de formação para comunidades indígenas, quilombolas e do campo; inovação nas formas de fazer EAD; entre inúmeras outras urgências que emergem das comunidades nas quais as Universidades estão inseridas e as quais urge de parcerias e investimentos.

Mas como superar os discursos da Academia que, pressionada em fazer internacionalização, aceita coações pela mobilidade de estudantes sem ter condições efetivas de fazê-las; que estabelecem políticas de competição na busca melhores índices, notas, conceitos e qualis; que aderem a alianças globais com universidades top [?] para fortalecer seu marketing; que ignoram as diferenças regionais, as singularidades das Universidades do Brasil, os recursos e os investimentos em prol de “seus centros de excelência”, desconsiderando a missão de Universidade e sua inserção social.

Internacionalizar-se, neste compêndio, significa ser solidário entre e na relação com pesquisadores de diferentes países no que se refere à formação de docentes, pesquisadores e discentes. Uma relação de estar juntos; construir e contribuir, juntos, com a sociedade através do desenvolvimento de Educação, Ciência e Tecnologia, o que significa dizer que uma relação se fundamenta em “muitas vozes da razão discursiva das ciências, da razão pragmática das interlocuções relativas e da razão expressiva das subjetividades, postas num unitário processo de interlocução e certificação social de seus saberes” (MARQUES, 2000, p. 120).

Referências Bibliográficas:

MARRARA, Thiago. Internacionalização da Pós-Graduação: objetivos, formas e avaliação. Revista Brasileira de Pós-Graduação, Brasília, v. 4, n. 8, p. 245-262, dezembro de 2007.

MARQUES, Mario Osorio. A Educação no limiar do Terceiro Milênio, exigente de outro Paradigma. Revista Contexto e Educação. Ano 15, No. 59, Jul/set. p. 113-128. Editora UNIJUI, 2000.

MOROSINI, Marília Costa. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior – Conceitos e práticas. Revista Educar. , n. 28, p. 107-124. Editora UFPR: Curitiba2006.

Tânia Maria Hetkowski
PhD em Informática na Educação
Professora dos Programas de Pós-graduação
Gestão e Tecnologias aplicadas a Educação e Educação e Contemporaneidade